

## EXISTÊNCIAS E RESISTÊNCIAS NO LABIRINTO ANTROPOLÓGICO

### EXISTENCE AND RESISTANCE IN THE ANTHROPOLOGICAL LABYRINTH

Janice Aparecida de Souza\*

#### RESUMO

Este artigo é uma tessitura reflexiva sobre os caminhos pelos quais passa a Antropologia pós-moderna e os estudos pós-coloniais. Partindo do livro *A queda do céu*, levo em conta o cenário atual – pandemia, crimes ambientais, massacre de povos indígenas – e o encontro do antropólogo Bruce Albert com o intelectual diplomata yanomami Davi Kopenawa. O texto vem tenuemente carregado de esperança e sonhos mesclados com explícito pavor destes tempos particularmente ruins vividos pelo povo brasileiro, que assiste, confinado e perplexo, ao genocídio dos povos indígenas, ao descaso com as questões ambientais e ao extermínio sistemático e histórico dos pretos que construíram com suor e sangue este país.

Palavras-Chave: Antropólogo. Povos Indígenas. Floresta Amazônica. Pandemia.

#### ABSTRACT

This essay is a reflexive tessiture about the ways in which postmodern Anthropology perpasses and about the post-colonial studies. Starting from the book *A queda do céu*, I take in consideration the actual scenario - pandemic, ambiental crimes, massacre against indigenous people - and the encounter of anthropologist Bruce Albert with the intellectual Yanonami diplomat Davi Kopenawa. The text comes tenuously loaded of hopes and dreams mixed with explicit horror by these particularly bad times lived by the Brazilian people, that watches, confined and perplexed, to the genocide of indigenous people, to the total negligency towards the ambiental issues and the sistematic (and historical) extermination of black people that built, with sweat and blood, this country.

Keywords: Anthropologist. Indigenous Peoples. Amazon rainforest. Pandemic.

*Vamos precisar de todo mundo  
Pra banir do mundo a opressão  
Para construir a vida nova  
Vamos precisar de muito amor  
O Sal da Terra  
Beto Guedes*

---

Artigo submetido em 28 de novembro de 2020 e aprovado em 29 de janeiro de 2021.

\* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PUC Minas, Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Graduada em História. Professora na Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (FaE. UEMG). Email: janice.souza@uemg.br

## 1 SOBRE FAZERES ANTROPOLÓGICOS

Meu primeiro contato acadêmico com o ofício do antropólogo aconteceu um tanto tardiamente, mas de forma apaixonada. Foi lendo um texto do polonês Malinowski, autor consagrado e considerado um dos fundadores da antropologia social, que tive um contato poético com o fazer antropológico. Nas palavras de Malinowski, “nossa meta final é enriquecer e aprofundar nossa própria visão de mundo, entender nossa própria natureza e torná-la melhor, intelectual e artisticamente” (MALINOWSKI, 1986, p. 116). Como não se apaixonar por um autor que diz haver algo mais profundo e mais importante do que o interesse pela variedade dos modos de vida humana, que é o desejo de transformar o conhecimento em sabedoria? Pareceu-me sábio isto. Mas paixão passa. E a minha passou assim que me deparei com a antropologia pós-moderna e com os estudos pós-coloniais.

Se sobre a terra os ventos nunca se mostraram tão pandemicamente ruins, globalizados e desafiadores para a minha geração, sobre o fazer antropológico bons e novos ventos sopram sobre os estudos clássicos. Neste sentido Edward Said (1990) se apresenta como um bom exemplo. O autor traz importante reflexão ao ressignificar estudos feitos sobre os orientais e sobre o que deles foi europeicamente escrito e construído. Tais estudos ilustram caminhos pelos quais passam a Antropologia pós-moderna e os estudos pós-coloniais, além desses, muitos outros seguem os mesmos bons ventos.

Mariza Peirano, em artigo intitulado *Etnografia não é método*, além de apontar o que o título evidencia, chama nossa atenção para mais:

[...] se aqueles que nos antecederam privilegiaram a exploração – no duplo sentido do termo – do exótico, hoje reavaliamos e ampliamos o universo pesquisado com o propósito de expandir o empreendimento teórico/etnográfico, contribuindo para desvendar novos caminhos que nos ajudem a entender o mundo em que vivemos. (PEIRANO, 2014, p. 389).

Os novos ventos que sopram sobre a etnografia contemporânea me soam como soa o fascínio que trago pulsando em minha alma em direção à obra que será objeto da reflexão que proponho neste breve ensaio. Refiro-me ao trabalho do antropólogo Bruce Albert<sup>1</sup> junto aos índios yanomamis que resultou no livro *A queda do céu*, obra de mais de setecentas páginas, lançada na França em 2010, que chegou ao Brasil em 2015, cinco anos após o seu lançamento naquele país. O instigante nome – *A queda do céu* – foi inspirado por um mito que conta o cataclismo que acabou com a primeira humanidade e que, para os yanomamis, pode prefigurar o destino de nosso mundo, invadido pelas emanções mortíferas dos minérios e combustíveis.

Tomo como ponto de partida o livro, levando em conta o cenário atual – pandemia, crimes ambientais, massacre de povos indígenas – e, de forma muito particular, a convivência e a amizade que o antropólogo Bruce construiu com o xamã intelectual diplomata yanomami Davi Kopenawa<sup>2</sup>. Proponho, em primeiro plano, uma tessitura reflexiva quanto ao potente engajamento que o trabalho antropológico pode alcançar e expando o diálogo para outras plagas. Tributário de leituras de Darcy Ribeiro e Roberto Cardoso de Oliveira, Bruce assume a importância desses autores que lhe permitiram contornar o amazonismo parisiense do começo dos anos 1970.

<sup>1</sup> Fugindo às normas prescritas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), utilizarei Bruce em vários trechos para dar cadência ao texto e devido à familiaridade por mim adquirida através das inúmeras falas de Davi Kopenawa que tive oportunidade de acessar.

<sup>2</sup> Davi Kopenawa é originário do rio Demini, foi alfabetizado em sua língua tribal, fala e compreende português, mas não lê nem escreve.

No *Post Scriptum* do livro “escrito na primeira pessoa, a pessoa que com vigor e inspiração carrega a voz de Davi Kopenawa” (KOPENAWA; ALBERT, 2010, p. 537), Bruce deixa transparecer seu encantamento pela riqueza e complexidade intelectual do universo yanomami que o levou a um experimento intelectual entre dois mundos, firmemente decidido a providenciar os recursos intelectuais e materiais para empreender um verdadeiro campo de etnólogo e a se engajar de modo duradouro do lado dos índios. Ao se debruçar sobre os estudos disponíveis sobre os yanomamis, relata o autor:

[...] fiquei profundamente surpreso ao constatar o quanto tais textos eram atravessados pela secular ambivalência dos estereótipos europeus do Selvagem, ora edênico, ora sanguinário. Os yanomamis, na França, eram vistos da perspectiva idílica de suas “Histórias de amor índias” (Lizot, 1974), ao passo que nos Estados Unidos tinham ficado famosos como “povo feroz” (Chagnon, 1968), imersos numa guerra quase hobbesiana. Mas esse não era o único ponto desconcertante daquelas etnografias. Além disso, remetiam aos mesmos conceitos sociológicos africanistas, inadaptados à Amazônia indígena, e de modo idêntico limitavam sua abordagem da cosmologia yanomami a alguns registros esparsos, como se fossem meros apêndices imaginários de uma organização sociogenealógica reificada (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 516).

O trabalho junto aos índios yanomamis e, de forma muito particular a convivência e a amizade construída com Davi Kopenawa culminaram com o livro *A queda do céu*, obra de mais de setecentas páginas, lançada na França, e que chegou ao Brasil em 2015, cinco anos após o seu lançamento naquele país. Eduardo Viveiros de Castro ao prefaciá-la obra antropológica de Bruce (KOPENAWA; ALBERT, 2001, p. 125), relata que ela levou vinte anos sendo gestada, que tem atrás de si trinta de convivência entre os signatários de um “pacto etnográfico” sem precedentes na história da antropologia e cerca de quarenta de contato do etnólogo-escritor com o povo do xamã-narrador. Se, “cada enunciado – seja para expressar o poder, seja para confrontá-lo – é sempre resultado da maneira como o outro interpreta o signo lançado pelo sujeito, o tempo que Bruce passou junto aos yanomamis e, de forma especial, a longa convivência com Kopenawa resultou em um trabalho além de original, político. Assim se refere o autor sobre a narrativa feita por Davi Kopenawa:

[...] para além de suas reflexões e lembranças pessoais, suas palavras se referem constantemente aos valores e à história de seu povo, e nos são transmitidas enquanto tais. Nesse caso, o ‘eu’ narrador é indissociável de um ‘nós’ da tradição e da memória do grupo ao qual ele quer dar voz. Portanto, o que ouvimos é um ‘eu’ coletivo tornado autoetnógrafo, movido pelo desejo ao mesmo tempo intelectual, estético e político de revelar o saber cosmológico e a história trágica dos seus aos brancos dispostos a escutá-lo. (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 539).

Quanto ao material coletado, Bruce diz ter passado por uma imersão quase hipnótica na vasta galáxia de dizeres, escutas e releituras, que foram delineando intuitivamente as coerências e harmonias que inspiraram a arquitetura do manuscrito. O texto foi apresentado a Davi Kopenawa em etapas e passou por longas sessões de revisão conjunta. Chegaram juntos à versão final e às modalidades de sua publicação.

O autor abre uma brecha nas convenções da escrita etnográfica usual, supera antigas convenções positivistas, revela de forma magistral o seu fazer etnográfico junto aos yanomamis, expõe uma escuta apaixonada e apresenta as escolhas por ele feitas para restituir, na forma escrita, a confiança que Kopenawa depositou nele ao desvelar suas lembranças de vida e suas reflexões mais íntimas. Bruce, ao dizer de uma reinvenção para uso próprio de um modo de praticar a etnografia, assume uma posição, se expõe, diz de seu gosto precoce pela aventura erudita a partir da qual se desenvolveu boa parte de sua vocação de etnógrafo americanista, da

curiosidade febril que sustentou seu projeto intelectual e da disciplina diária exigida pelo trabalho etnográfico realizado muitas vezes em condições bastante adversas. Para Bruce, o etnógrafo que acredita estar colhendo dados está, na melhor das hipóteses, sendo reeducado por aqueles que aceitaram sua presença, para servir de intérprete a serviço de sua causa.

Nas palavras de Bruce “Davi Kopenawa é um homem de personalidade complexa e carismática, ora tenso e pensativo, ora caloroso e bem-humorado” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 47). Para entender o que ele diz em tom poético-metafísico não é preciso conhecimento antropológico, tampouco afinidade com a cosmologia indígena, suas palavras “são retas e claras”:

A floresta está viva. Só vai morrer se os brancos insistirem em destruí-la. Se conseguirem, os rios vão desaparecer debaixo da terra, o chão vai se desfazer, as árvores vão murchar e as pedras vão rachar no calor. A terra ressecada ficará vazia e silenciosa. Os espíritos xapiri, que descem das montanhas para brincar na floresta em seus espelhos, fugirão para muito longe. Seus pais, os xamãs, não poderão mais chamá-los e fazê-los dançar para nos proteger. Não serão capazes de espantar as fumaças de epidemia que nos devoram. Não conseguirão mais conter os seres maléficis, que transformarão a floresta num caos. Então morreremos, um atrás do outro, tanto os brancos quanto nós. Todos os xamãs vão acabar morrendo. Quando não houver mais nenhum deles vivo para sustentar o céu, ele vai desabar. (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 6).

Teço estas linhas consciente da minha limitação quanto à perseguida e desejada, porém inalcançável, isenção a que estamos sujeitos e emaranhada nas teias do pessoal que é também político. Afinal, ao ouvir, transcrever, interpretar e analisar, construímos algo novo, que nasce da mistura do que o outro oferece com o quem somos, do encontro daquilo que o outro traz com aquilo que reside em nós.

Não há espaço para omissão, são tempos imperativos, recuso-me a ser cúmplice silenciosa do governo odioso que ocupa o planalto central brasileiro. Em mim reside, ainda, esperança e sonho mesclados com o pavor causado por estes tempos particularmente ruins vividos pelo povo brasileiro, que assiste confinado e perplexo, ao descaso com as questões ambientais, ao extermínio sistemático e histórico dos pretos que construíram com suor e sangue o nosso país e ao genocídio dos povos indígenas.

Citando o prefácio de Viveiros de Castro, referindo-se ao mito yanomami que prefigura o destino de nosso mundo, invadido pelas emanções mortíferas dos minérios e combustíveis:

[...] não temos a exclusividade do ruim; nossa estupidez etnocida, ecocida, e em última análise suicida, não é sequer original. A concorrência internacional é fortíssima. O diagnóstico e o prognóstico contidos em *A Queda do Céu* não concernem apenas aos brasileiros. Neste momento, assistimos a uma mudança do equilíbrio termodinâmico global sem precedentes nos últimos 11 mil anos da história do planeta, e, associada a ela, a uma inquietação geopolítica inédita na história humana — se não em intensidade (ainda), certamente em extensão, na medida em que ela afeta literalmente ‘todo (o) mundo’. (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 23).

Se o atual governo pouco, ou quase nada propõe aos menos favorecidos, retira-lhes aos poucos e sistematicamente direitos sociais que só recentemente alcançaram.

Escrevo sem ignorar que, embora a fragilidade dos povos indígenas seja maior, os impactos da pandemia, da exploração e desmatamento da Floresta Amazônica atingem a todos.

Nas palavras de Boaventura Sousa Santos, em recente entrevista: “O vírus é um professor que está nos ensinando que a Mãe Terra não está satisfeita com o modelo de desenvolvimento que temos. Só representamos cerca de 0,01% da vida no planeta, e apesar disso estamos dispostos a destruir o resto da vida” (SANTOS, 2020). O vírus também nos

mostrou que, “ao contrário do que muitos pensam, ele não é democrático. Ele é caótico, é claro” (SANTOS, 2020). É verdade que infecta pessoas de todas as classes, mas mata aqueles que já são vulneráveis, os pobres, aqueles sem acesso à saúde.

Para Kopenawa:

[...] os brancos não sabem sonhar, é por isso que destroem a floresta desse jeito. Se os brancos pudessem, como nós, escutar outras palavras que não as da mercadoria, saberiam ser generosos e seriam menos hostis conosco. Também não teriam tanta gana de comer nossa floresta. (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 413-414).

Nós, yanomami, defendemos a terra-floresta e suas montanhas. Queremos que continue com saúde e inteira. Queremos também que yanomami e brancos vivam sem brigar nem guerrear por causa da terra, do ouro, dos minérios. Queremos que todos possam permanecer vivos juntos por muito e muito tempo. (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 537).

À sabedoria de Kopenawa, junta-se a de Ailton Krenak:

[...] fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza. (KRENAK, 2019, p. 17).

A conjuntura atual se apresenta apropriada e o livro *A queda do céu* uma oportunidade para um ensaio articulando o trabalho antropológico com a urgência de se divulgar, em quaisquer meios e para o maior número de pessoas possível, a devastação da Floresta Amazônica e a situação dos povos indígenas que se agrava diante da pandemia que a todos tem atingido e que se insere em um bojo maior do amplo espectro de atrocidades vividas no Brasil atual. O momento é de amplificar as vozes e busco fazer isto movendo minha escrita dentro do rigor que a academia exige, conciliando-o com a exigência de afeto e empatia que clamam em mim.

Na esteira desta minha escrita engajada há outros, há vários outros. O artigo *Pensando com as florestas*: uma exposição de questões do antropomorfismo à luz das palavras do xamã Davi Kopenawa, Pedro Paulo Valerio Vaz fricciona o texto xamânico com outros textos ocidentais, distanciando-se explicitamente de uma possível neutralidade e assume que suas palavras têm um lado, e é o lado dos povos da floresta. Vaz intenta “forçar pontes de saída e fuga para que suas palavras, suas intuições, atinjam o máximo de textos que puderem, seja direta ou indiretamente, chegando assim o mais longe possível” (VAZ, 2020). No centro do seu diálogo com outros autores está a frase de Davi Kopenawa “a floresta é inteligente, ela tem um pensamento” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 497).

O autor, em diálogo com a cosmo a visão yanomami nos dá uma dimensão da expansão do termo *tudo é político*:

Para o Xamã, tudo é político porque até o que não é humano, ou está para além do humano, faz política. Tudo é política justamente porque a política não está só entre os humanos. Os humanos, assim, são como atravessados por políticas exteriores. A política dos humanos está dentro de um cenário maior, o que torna os humanos apenas uma das partes dos seres potencialmente políticos. A constatação de que tudo é político no xamanismo leva a modernidade a uma intensificação expansiva paradoxal de sua respectiva base política (humana), o que faz a máquina que recria os humanos na modernidade desviar para um limite impossível no qual nada mais seria excluído. (VAZ, 2020, p. 69).

Perpassa os argumentos do autor supracitado a ideia do antropoceno a acentuar a influência humana sobre a Terra, moldando e mudando a paisagem global e a evolução do planeta a partir da interferência humana enquanto força geológica. Está presente também uma expansão do *nós* englobando para além dos humanos, a floresta, o que não é humano.

Isso abre a possibilidade de se pensar em uma politização de tudo, de pensar direitos para tudo o que há, e não apenas em direitos humanos. O gesto xamânico espalha o protagonismo político por toda parte, e pode ser visto como um condutor da dilatação sucessiva das esferas do nós, como se espalhasse vários protagonistas políticos para além do humano, indicando assim outra possibilidade de distribuição da agência. (VAZ, 2020, p. 70).

## 2 SOBRE DIREITOS E OUTRAS VOZES

Essa expansão de direitos sobre a qual nos fala Vaz, expansão de direitos para tudo o que há, em fina sintonia com a visão de Kopenawa captada por Bruce, nos coloca diante de uma necessidade de expansão de consciência e me soa como o domínio de um novo idioma que precisamos aprender para nos sintonizar com o planeta. A imperiosa necessidade de preservação do planeta se vincula de forma estreita à preservação da vida e nos conecta a todos. Urge despertar para a finitude de recursos do planeta, urge colocar em xeque o esgotamento do modo de produção atual, não faz sentido os países perseguirem um crescimento econômico como se ele fosse inesgotável, relegando a vida a um plano inferior, supervalorizando os bens materiais e ignorando, inclusive, que o desequilíbrio ambiental provoca novas doenças, pandemias, mortes!

Abu-Lughod, em artigo intitulado *A escrita contra a cultura* nos convida a refletirmos sobre as grandes implicações que a antropologia assume ao manter e perpetuar uma crença na existência de culturas tidas por discerníveis, distintas e separadas de nossa própria. A autora traz um importante questionamento quanto ao trabalho do etnógrafo: “haveria formas de escrever sobre vidas em que os outros figurassem como menos outros?” (ABU-LUGHOD, 2018, p. 203 e 206). O trabalho de Bruce parece responder afirmativamente a este questionamento.

Assim como Carvalho, acredito na antropologia como uma arena onde se confrontam valores que podem alcançar uma gramática alternativa para a definição de princípios como solidariedade, fraternidade, justiça, direitos individuais e coletivos (CARVALHO, 2001, p. 116). Conjunto no qual *A queda do céu* se insere ao romper com o silêncio que alicerça a subalternidade.

A escrita imparcial me é impossível diante dos crimes ambientais do qual a Floresta Amazônica é exemplo emblemático e diante do horror da pandemia causada pelo Covid-19. Se o que temos assistido atinge aos *brancos* em dias atuais em escala mundial, aos povos indígenas sempre ameaçou em solo brasileiro, desde a chegada do europeu com seus corpos portadores de doenças infecciosas que muitas vezes se converteram em epidemias letais para os povos originários, como sarampo, gripe e coqueluche. Todavia, parece haver esperança junto àqueles que entendem que vidas importam, lutas são necessárias e encontros são potentes!

Na esteira das vozes que se juntam e lutam contra os horrores vividos por muitos, além de Bruce com Kopenawa, destacarei três outras. A primeira delas refere-se ao encontro do mesmo antropólogo com a fotógrafa Claudia Andujar, nascida na Suíça e radicada no Brasil desde a década de 1950, cujo trabalho é dedicado à defesa dos índios yanomamis. Redigiram juntos, na década de 1970, o primeiro documento para garantir uma reserva territorial yanomami em oposição ao projeto militar de desmembramento daquelas terras. Na ocasião, lançaram, no Brasil e no exterior, uma campanha contra a iniciativa etnocida do regime militar

que vigia no Brasil à época, situação semelhante a que presenciamos em dias atuais. O excepcional trabalho da fotógrafa Cláudia Andujar retratando o povo yanomami mereceu uma galeria permanente no Instituto Inhotim<sup>3</sup>. Inaugurada em novembro de 2015, o pavilhão reúne cerca de 400 fotografias feitas pela artista entre 1970 e 2010 na Amazônia brasileira e com o povo indígena yanomami.

Lembro-me do discurso do curador da mostra, Rodrigo Moura, que na ocasião disse do caráter político de resistência que a galeria continha. Resistência que hoje ecoa de uma forma muito mais contundente neste mundo opaco e virulento no qual estamos imersos.

A segunda iniciativa refere-se ao recente lançamento de um Manifesto seguido de uma petição, capitaneados por Lélia e seu marido, fotógrafo renomado internacionalmente – Sebastião Salgado. O documento é dirigido ao presidente do Brasil, aos líderes do Congresso e do Judiciário em defesa da Floresta Amazônica e dos povos originários (SALGADO, 2020).

Por fim, mas não menos importante, Ailton Krenak<sup>4</sup>, outro grande pensador indígena, entrou para a história por ocasião da Assembleia Constituinte de 1987, ocasião na qual proferiu potente discurso a favor da causa indígena. Suas inspiradoras *Ideias para adiar o fim do Mundo*, livro que segundo o autor é uma provocação e não um manual, continua alinhavando histórias:

[...] a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Essa ideia se encontra presente também em *As mil e uma noites*, coletânea baseada em contos populares do médio Oriente e tão conhecida em várias partes do mundo que se encantam com as narrativas e a astúcia de Sherazade em contar sempre mais uma história para o sultão. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim. (KRENAK, 2019, p. 27).

Para Krenak “a vida não é para ser útil”, a sustentabilidade é um mito e deste mundo pronto e triste não há fuga sozinho:

Somos alertados o tempo todo para as consequências dessas escolhas recentes que fizemos. E se pudermos dar atenção a alguma visão que escape a essa cegueira que estamos vivendo no mundo todo, talvez ela possa abrir nossa mente para alguma cooperação entre os povos, não para salvar os outros, para salvar a nós mesmos. (KRENAK, 2019, p. 44).

Sigamos juntos, afinal, o destino de índios e não índios é o mesmo. Se continuarmos a destruição do planeta não haverá planeta para ninguém. As vozes são muitas, levantaram-se no passado, levantam-se vigorosas no presente e, ao que tudo indica, não se calarão. Como bem cantou o Skank “Se o país não for prá cada um/Pode estar certo/Não vai ser prá nenhum” (SKANK, 1994). Os campos de resistência se espalham do político às mais diversas manifestações no vastíssimo mundo das artes, lugar, aliás, que parece estar menos ao alcance da inteligência artificial.

Nas palavras do xamã yanomami Davi Kopenawa, os brancos “são ‘apaixonados’ pelas mercadorias, às quais seu pensamento permanece completamente ‘aprisionado’”

---

<sup>3</sup> Particpei do seminário *Visão Yanomami*, por ocasião da inauguração da galeria Claudia Andujar, oportunidade na qual tive a honra de estar com a fotógrafa, os líderes indígenas Davi Kopenawa e Ailton Krenak. Na mesma ocasião, foi lançado o documentário *A estrangeira*, produzido pelo Instituto Inhotim, com direção de Rodrigo Moura, diretor artístico do museu mineiro à época.

<sup>4</sup> Ailton Krenak é ativista do movimento socioambiental e de defesa dos direitos indígenas, organizou a Aliança dos Povos da Floresta, que reúne comunidades ribeirinhas e indígenas na Amazônia. É comendador da Ordem de Mérito Cultural da Presidência da República e doutor honoris causa pela Universidade Federal de Juiz de Fora, em Minas Gerais.

(KOPENAWA. ALBERT, 2015, p. 37). Sim, nossos pensamentos e vidas se veem aprisionados à materialidade. Contudo, precisamos considerar a finitude dos recursos ambientais no planeta e os desdobramentos advindos do modo de produção capitalista, que têm se mostrado como vigorosos produtores de pobres e excluídos, grupo para o qual a população indígena tem sido deslocada, embora resista e lute com bravura.

Além do persistente interesse dos garimpeiros pelas terras altas da região central do território Yanomami — indexado no mercado mundial de onça-troy<sup>5</sup> de ouro —, outras atividades econômicas existentes ou potenciais (colonização agrícola, atividade agropecuária, exploração florestal ou extração industrial de minérios) podem representar, a médio ou longo prazo, sérias ameaças à integridade dos Yanomami e da floresta tropical em que vivem e que desejam preservar. Assim, apesar de ter sido oficialmente homologada em 1992, quase 55% da Terra Indígena Yanomami já é objeto de mais de seiscentos pedidos ou concessões de prospecção mineral registrados junto ao Ministério de Minas e Energia, feitos por empresas públicas e privadas, nacionais e multinacionais. (KOPENAWA, ALBERT, 2015, p. 563).

Volto à poesia musical de Beto Guedes: “Terra! És o mais bonito dos planetas/Tão te maltratando por dinheiro/Tu que és a nave nossa irmã [...] E nos alimenta com seus frutos/Tu que és do homem, a maçã” (GUEDES; BASTOS, 1981). Nascemos, passamos cerca de cem anos no planeta e seguimos a jornada para onde quer que a crença de cada um nos leve, ou não. De toda forma, há recursos suficientes para uma vida digna para todos, não fossem a ganância e o desejo insaciável de acumular que, se a muitos não adoce, adoce o planeta comprometendo a vida nele.

Assistimos com medo e atônitos às trapalhadas e omissões de um governo desumano: o desmatamento da Floresta Amazônica, o massacre dos povos indígenas e quilombolas e à pilha crescente de seres humanos que tiveram suas vidas ceifadas pelo Covid-19<sup>6</sup>. Se foram verso e prosa um dia, hoje figuram entre os noticiários como se números fossem. Se a princípio o jargão era que o vírus não tinha classe social para atuar, os dados parecem apontar em outra direção.

É comum em dias atuais nos depararmos com vozes, nas mais diversas mídias, que atribuem aos povos indígenas um valor inferior. Neste sentido a declaração de Ricardo Salles, ministro do Meio Ambiente, é bastante emblemática. A proposta é aproveitar o momento cujas atenções estão voltadas para a pandemia do coronavírus para *passar a boiada*, numa clara e desrespeitosa postura contra o meio ambiente e o descaso com as vidas indígenas e quilombolas, que para ele podem ser ignoradas como se não tivessem valor algum. Ao mais comum dos cidadãos resta lutar ou colher os frutos venenosos e amargos com seus devastadores desdobramentos sobre nossas distópicas vidas. Enquanto isso índios morrem, e grileiros, madeireiros e garimpeiros derrubam a floresta. O Estado brasileiro se omite enquanto várias vozes e nações pressionam pela preservação da Floresta Amazônica, os interesses são diversos e, não podemos ignorar, alguns escusos!

Impossível ignorar os interesses internacionais, tanto interna quanto externamente há interesse no lucro que a Floresta Amazônica pode dar. Talvez a diferença mais significativa esteja no fato de que alguns acham que ela pode dar lucro em pé, outros derrubada, com a *boiada passando* e *pastando*. Nesse momento desalentador e numa visão bastante pragmática talvez seja prudente nos aliarmos àqueles que querem lucro com a floresta em pé e com os povos originários vivendo em paz e segurança dentro dela. Respeitando os índios em condições

<sup>5</sup> A onça troy (*troy ounce*) é a unidade de medida de peso empregada nos países anglófonos para metais preciosos. Equivale a 31 gramas.

<sup>6</sup> Finalizei a escrita deste artigo em 28 de outubro de 2020 com cerca de 1, 17 milhões de mortes pelo Covid-19 no mundo e mais de 156.000 mortes no Brasil.



de igualdade e como os primeiros donos da casa a nos anfitriar, condição desejável mas bastante distinta da presenciada. No Brasil os índios foram folclorizados e vistos como seres de segunda categoria, a sensação que fica é a de que transferimos aos índios o tratamento recebido dos colonizadores.

Nas palavras de Norbert Elias: “[...] afixar o rótulo de valor humano inferior a outro grupo é uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder, como meio de manter sua superioridade social” (ELIAS, 2000, p. 24). Nesse desejo de superioridade cunhamos uma sociedade hierarquizada e materialista como se não dependêssemos desse *órgão* chamado natureza para nos mantermos vivos.

Deveríamos admitir a natureza como uma imensa multidão de formas, incluindo cada pedaço de nós, que somos parte de tudo: 70% de água e um monte de outros materiais que nos compõem. E nós criamos essa abstração de unidade, o homem como medida das coisas, e saímos por aí atropelando tudo, num convencimento geral até que todos aceitem que existe uma humanidade com a qual se identificam, agindo no mundo à nossa disposição, pegando o que a gente quiser. Esse contato com outra possibilidade implica escutar, sentir, cheirar, inspirar, expirar aquelas camadas do que ficou fora da gente como ‘natureza’, mas que por alguma razão ainda se confunde com ela. Tem alguma coisa dessas camadas que é quase-humana: uma camada identificada por nós que está sumindo, que está sendo exterminada da interface de humanos muito-humanos. Os quase-humanos são milhares de pessoas que insistem em ficar fora dessa dança civilizada, da técnica, do controle do planeta. E por dançar uma coreografia estranha são tirados de cena, por epidemias, pobreza, fome, violência dirigida. (KRENAK, 2019, p. 69-70).

Em que pesem as controvérsias, parece mesmo que a terra é redonda e gira, colocando ora uns ora outros em cima ou embaixo e os povos indígenas, que eram os estabelecidos, tristemente viraram *outsiders*. Tomara a terra permaneça nesse movimento, que os bons sejam maioria e que Gaia sobreviva ao ser humano.

O trabalho antropológico de Bruce Albert registrado no livro *A queda do céu* é comovente, ecológico, filosófico, político e poético, tudo junto. A frase de Kopenawa “Bruce fala nossa língua” (KOPENAWA, ALBERT, 2015, p. 530), carrega, na minha compreensão, algo de magistral, que extrapola em muito o simples domínio da língua falada pelos yanomamis. De acordo com Mariza Peirano, “palavras fazem coisas, trazem consequências, realizam tarefas, comunicam e produzem resultados” (Peirano, 2014, p. 386).

O mundo precisa se implicar. Nós precisamos nos implicar na preservação do meio ambiente, pois dele depende a vida. O aquecimento global se vincula às grandes corporações e aos governos que as apoiam e produzem juntos a crise climática. Até quando seguiremos indiferentes ao derretimento das geleiras que elevará os níveis dos oceanos com o comprometimento das áreas litorâneas? A permanecerem as coisas como estão, no Brasil, o governo continuará fazendo vistas grossas ou se omitindo diante da pandemia que assola o povo, atingindo de forma cruel e implacável a índios, negros e pobres ou incentivando o desmatamento e a floresta poderá virar savana ou deserto. É sempre bom lembrar, não somos donos do planeta ou da natureza, somos parte deles!

### 3 PROCURANDO O FIO DE TESEU

Procuramos o fio de Teseu,<sup>7</sup> na esperança de sairmos do labirinto.

---

<sup>7</sup> O mito de Teseu e o fio de Ariadne é um dos mais conhecidos da mitologia grega. Foi por meio do fio de ouro de Ariadne que Teseu conseguiu sair do labirinto após derrotar o Minotauro.

No breve cenário que esta dissertação expõe caberiam ainda muitos elementos nos quais as questões apresentadas estão inseridas e alinhadas à materialidade palpável da ideia do antropoceno enquanto força geológica a impactar o planeta.

O cenário é mundialmente complexo, a todos envolve e se desdobra nas teias da globalização, das redes sociais, da inteligência artificial. Nesta toada, o crescimento do Bolsonarismo com seus desdobramentos.

Haveria saída do labirinto no qual estamos nos perdendo entre questões ambientais, polarizações políticas, marginalização, extermínio de seres humanos e a necessidade de preservação do planeta para que a vida seja possível?

Penso que uma provável saída precisaria atravessar o minado campo dos afetos.

Poder-se-ia objetar que todo humano naturalmente busca evitar sentir-se um miserável, mas por que deveria um humano importar-se com a miséria dos outros, a menos que algum deus exija isso? Uma resposta óbvia é que os humanos são animais sociais, e daí que sua felicidade depende em grande medida de seus relacionamentos com outros. Sem amor, amizade e comunidade, quem poderia ser feliz? Se você vive uma vida solitária e centrada em você mesmo, é quase certo que se sentirá um miserável. Assim, no mínimo, para ser feliz você precisa se importar com sua família, seus amigos e os membros de sua comunidade. (HARARI, 2018, p. 251)

Apesar de a tecnologia permitir a uma parcela da população algum contato, durante o isolamento social decorrente da pandemia de coronavírus, uma vida isolada é triste, e ainda mais triste e difícil para aqueles que ficaram às margens da tecnologia. No mundo da inteligência artificial um dos efeitos mais imediatos e próximos tem se apresentado na marginalização de um contingente analógico de seres humanos que sequer acessou o mundo digital.

Para os mais afeitos às atuais tecnologias, a vida em *home office*, o dia a dia em isolamento pandêmico confinado às telas tem levado à fadiga exaustiva e ao adoecimento, afinal somos seres gregários.

Em nível global, a magnitude do impacto da inteligência artificial pode ser alcançada por meio da emblemática afirmação do presidente russo, Vladimir Putin: “a inteligência artificial é o futuro, não apenas para a Rússia, mas para toda a humanidade. Ela chega com oportunidades imensas, mas também com ameaças que são difíceis de prever. Quem se tornar o líder nessa área vai ditar as regras no mundo” (SOUZA, 2017).

Em nível nacional, o Bolsonarismo que cresce em popularidade e aprovação, colhendo os frutos do auxílio emergencial decorrente da pandemia do Covid-19 e o trabalho desenvolvido pelo *gabinete do ódio* com seus robôs que se espalharam em fake news para além do referido gabinete.

Curioso notar como esse fenômeno bolsonarista se converteu em um dispositivo de vantagem social para alguns dentro de suas lógicas. Potencializa um micro poder que aglutina machistas convictos e que foram se sentindo deslocados diante da onda do politicamente correto e da emergência, dentro de suas próprias casas, de uma geração de mulheres a reivindicar outros tratamentos e espaços na sociedade. Quanto às mulheres bolsonaristas, muitas donas de casa se sentem “feministamente empoderadas”, um feminismo às avessas que amalgama um sentimento de pertencimento a um grupo que as legitima. Os perfis são variados, alguns, muito mais à direita, se sentem além do *à direita de Deus pai*, moralmente corretos, muitos ancorados na religiosidade e crenças de ter *Deus no comando* e que o mal está fora, no outro!

Enquanto isso, assistimos a uma esquerda que parece estar em pânico e congelada entre a perplexidade da terra plana e os mais diversos retrocessos sociais e ambientais.

Unindo o global e o local, a agonia de um planeta, a crescente produção de robôs inteligentes cada dia mais parecidos com os humanos e os humanos cada dia mais robotizados e marginalizados.

Por fim e buscando lugares nos quais poderíamos alicerçar a esperança nossa de cada dia, lembrei-me de ter assistido ao clássico *Blade Runner: o caçador de andróides*<sup>8</sup> (1982), filme dirigido por Ridley Scott, que figura entre os meus favoritos. O filme futurista na década de 80 parecia sinalizar realisticamente um destino para o qual estávamos fadados. Além de mostrar um planeta infinitamente mais degradado do que o que temos hoje, colocava no centro uma robô – replicante – tão perfeitamente humana que não se sabia robô. Ao rever o filme em outra versão, de 2019, saí embevecida do cinema com o poder da Sétima Arte a reverberar em uma inocência juvenil dentro de mim, pois o filme era ambientado em 2019... Estamos muito melhor do que parecia ser possível, pensei otimista. O caçador de androides que protagonizou o filme – Harrison Ford<sup>9</sup> – é, além de ator, ativista e defensor das lutas ambientais e está engajado, como muitos outros, na causa da preservação da Floresta Amazônica e dos povos originários, nas palavras dele: “nossa casa está em chamas e só temos uma casa” (FORD, 2020).

Se há quem coloque fogo na casa e no circo para vê-los pegar fogo e lucrar com isto, há também outros, que, desejo, sejam maioria. Inspiremo-nos, pois, nos bons exemplos e na sabedoria de Ariano Suassuna, para “não sermos tolos, como os otimistas, nem chatos quanto os pessimistas, mas realistas esperançosos”, como os sonhadores, acrescento eu.

## REFERÊNCIAS

ABU-LUGHOD, Lila. A escrita contra a cultura. *Equatorial*, Natal, v. 5, n. 8, p. 193-226, jan./jun. 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/332588/Downloads/A%20escrita%20contra%20a%20cultura%20.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2020.

BLADE Runner. Direção: Ridley Scott. Produção: Michael Deeley. Intérpretes: Harrison Ford; Rutger Hauer; Sean Young; Edward James Olmos e outros. Roteiro: Hampton Fancher e David Peoples. Música: Vangelis. Los Angeles: Warner Brothers, c1991. Baseado na novela “Do androids dream of electric sheep?” de Philip K. Dick.

CARVALHO, José Jorge de. O olhar etnográfico e a voz subalterna. *Horizontes Antropológicos*, n. 7, v. 15, p. 107-147, julho 2001.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. Os estabelecidos e os outsiders. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000, p. 24/22.

---

<sup>8</sup> O filme foi lançado e, anos depois, apareceu em uma segunda versão. Sinopse: No início do século XXI, uma grande corporação desenvolve um robô que é mais forte e ágil que o ser humano e se equiparando em inteligência. São conhecidos como replicantes e utilizados como escravos na colonização e exploração de outros planetas. Mas, quando um grupo dos robôs mais evoluídos provoca um motim, em uma colônia fora da Terra, este incidente faz os replicantes serem considerados ilegais na Terra, sob pena de morte. A partir de então, policiais de um esquadrão de elite, conhecidos como Blade Runner, têm ordem de atirar para matar em replicantes encontrados na Terra, mas tal ato não é chamado de execução e sim de remoção. Até que, em novembro de 2019, em Los Angeles, quando cinco replicantes chegam à Terra, um ex-Blade Runner (Harrison Ford) é encarregado de caçá-los.

<sup>9</sup> O ator doou recentemente 18 milhões de euros para ajudar na causa de preservação da Floresta Amazônica.

FORD, Harrison. 2020. Disponível em:

<https://www.greenme.com.br/informarse/biodiversidade/8607-harrison-ford-ajuda-amazonia/>.

Acesso em: 28 out. 2020.

GUEDES, Beto; BASTOS, Ronaldo. O sal da terra. Álbum Contos da lua vaga. EMI-Odeon. 1981. 1 CD.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21255-analfabetismo-cai-em-2017-mas-segue-acima-da-meta-para-2015>.

Acesso em: 28 de outubro de 2020.

HARARI, Y. N. 21 Lições para o Século XXI. 1ª edição. São Paulo. Editora Companhia das Letras, 2018.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A Queda do Céu: palavras de um xamã yanomami. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. Pref. Eduardo Viveiros de Castro. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. Disponível em:

[https://documentacao.socioambiental.org/documentos/A\\_QUEDA\\_DO\\_CEU.pdf](https://documentacao.socioambiental.org/documentos/A_QUEDA_DO_CEU.pdf).

Acesso em: 1º jul. 2020.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. Editora. Companhia das Letras, 2019.

MALINOWSKI, Bronislaw C. Antropologia. Organizado por Eunice Ribeiro Durham. Ed. Ática, 1986.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

SAID, Edward W. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SALGADO, Lélia Wanick; SALGADO, Sebastião. Manifesto I. Petição para Presidente do Brasil e Líderes do Congresso e do Judiciário. Disponível em:

[https://secure.avaaz.org/community\\_petitions/po/presidente\\_do\\_brasil\\_e\\_aos\\_lideres\\_do\\_legislativo\\_ajude\\_a\\_proteger\\_os\\_povos\\_indigenas\\_da\\_amazonia\\_do\\_covid19/](https://secure.avaaz.org/community_petitions/po/presidente_do_brasil_e_aos_lideres_do_legislativo_ajude_a_proteger_os_povos_indigenas_da_amazonia_do_covid19/). Acesso em: 29

set. 2020, 11h24.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Entrevista concedida à BBC News Mundo. Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/geral-5328146>. Acesso em: 7 jul. 2020.

SKANK. Esmola. Álbum Calango. Selo musical Chaos, da Sony Music Entertainment. 1994, 1 CD.

SOUZA, Elson de. Putin diz que novo líder global será quem dominar a inteligência artificial. Editado por Marcelo Gripa. Olhar digital. São Paulo, publicado em 4 set. 2017. Disponível

em: <https://olhardigital.com.br/noticia/putin-diz-que-novo-lider-global-sera-quem-dominar-a>

[inteligencia-artificial/70847](#). Acesso em: 28 set. 2020.

VAZ, P. P. V. Pensando com as florestas: uma exposição de questões do antropomorfismo à luz das palavras do xamã Davi Kopenawa. *Vivência: Revista de Antropologia*, v. 1, n. 54, 16 jul. 2020.